



CELESC

Foto: Arquivo Intercel

TODOS À ASSEMBLEIA ESTADUAL



Os trabalhadores da CELESC têm um compromisso marcado para este sábado em Biguaçu. E trata-se de compromisso intransferível, pois quem não participar delegará para outras pessoas as decisões sobre a pauta final que será entregue à CELESC para as negociações do Acordo Coletivo de Trabalho 2012/2013. Salvo motivos de força maior não há desculpa para não comparecer. Não vale dizer que está no PDV, ou que é empregado novo, pois nem os aposentados escapam das consequências do acordo coletivo.

É necessário que os celesquianos sejam contagiados pela mesma garra apresentada pelos companheiros da Eletrosul, que conseguiram dobrar o governo federal após dez dias de greve, conquistando aumento real e outros benefícios. A diretoria da CELESC vem apresentando sinais de que não teremos uma data-base facilitada. Em diversas reuniões com dirigentes sindicais relatam dificuldades financeiras e o desejo de segregar direitos.

As recentes contratações e acordos feitos por dentro do PCS, além dos cargos comissionados, parecem desmentir a falácia da austeridade. Nada temos contra estes trabalhadores e achamos justo que sejam tratados com isonomia.

Apenas queremos esta mesma justiça para o andar de baixo.

Também parece que não fazem falta os duzentos milhões de reais que a imprensa noticiou como rombo nos cofres da empresa há alguns dias. Os trabalhadores esperam respostas convincentes sobre estas questões. Afinal, perante a sociedade, fica a imagem de que somos todos milionários usurpando os cofres públicos. Que seja bem vinda a lei da transparência! Companheiros, não temos o direito de nos omitirmos neste momento! Se queremos um acordo digno que contemple ganho real nos salários, cumprimento do PCS, manutenção das conquistas, isonomia para todos, não há outro caminho que não seja o da união. E esta união começa no dia 04 de agosto, comparecendo na Assembleia e dando uma demonstração clara da vontade dos trabalhadores de verem seus direitos respeitados.

**NESTE SÁBADO,
DIA 04, PARTICIPE
DA ASSEMBLEIA
ESTADUAL**

**VAMOS JUNTOS EM BUSCA DE
UM ACT BOM PARA TODO MUNDO!**



A UNIÃO DA CATEGORIA FOI A MAIOR CONQUISTA

Após 22 anos sem uma greve por tempo indeterminado no setor elétrico federal, os trabalhadores vinculados ao grupo Eletrobras puderam viver essa experiência e, talvez, a maioria pela primeira vez. Uma greve com esse caráter é sempre algo temerário. Costuma-se dizer que é “fácil” saber quando inicia-la, o “difícil” é definir o melhor momento para encerrá-la. Essa decisão depende de muitos fatores e muito deles são de domínio do “adversário”. Ou seja, quais são as armas que o outro lado dispõe e pode utilizar na tentativa de acabar com o movimento?

Na Eletrosul, por exemplo, a atual diretoria não teve nenhum constrangimento em usar métodos muito utilizados na época da ditadura militar e em

governos neoliberais. A greve se iniciava dia 16/07, segunda-feira, e no final de semana anterior os empregados(as) recebiam um telegrama que os convocava para o trabalho. A correspondência foi entendida pelos trabalhadores (as) como intimidação de caráter pessoal e de violação ao direito coletivo de greve, garantido pela legislação brasileira e tratados internacionais.

Outro gesto da diretoria que fez aumentar a indignação e descontentamento dos empregados foi a pretensão de se dar a greve um tratamento “policialesco” e de interferência no movimento, através da utilização de recursos judiciais descabidos. Além de colocar dezenas de vigilantes a postos nos portões e entrada principal da sede da Eletrosul, a diretoria ajuizou ação de

interdito proibitório visando a reintegração de posse da empresa como se os trabalhadores e as entidades sindicais tivessem se apropriado da mesma ou tivessem colocado algum risco a esse patrimônio. A ação propunha também a intervenção de força policial.

Outra ação se refere à tentativa de atribuir abusividade a greve. A diretoria tentou passar à justiça que os sindicatos agiam ilegalmente e irresponsavelmente não garantindo os serviços essenciais para a comunidade. Assim mentiu - porque o contingente de 100% (cem por cento) estava garantido para qualquer atendimento preventivo ao risco a saúde e segurança da comunidade (conforme estabelece a lei), e não apenas 35% (trinta e cinco por

cento) conforme requisitava a diretoria.

Mas nada disto adiantou, a greve continuou firme e forte e a categoria a exerceu de forma pacífica e responsável. E quando os empregados da Eletrosul entenderam que era hora de acabar a greve, assim o fizeram através de decisão em assembleias abertas e soberanas em todas as regiões da empresa. A contraproposta da Eletrobras de 6,6% de reajuste salarial (5,1% IPCA do período e 1,5% de ganho real) e mais uma indenização de R\$ 2.800,00, na forma de quatro blocos extras de ticket alimentação foi aceita pela maioria dos trabalhadores do grupo em todo país. A greve encerrou-se no dia 26/07, quinta-feira. Parabéns eletricitários, o mérito é todo seu!

Foto: Arquivo Intersul



Negociação Específica

Finalizada a greve e a negociação nacional as energias dos sindicatos que compõem a Intersul estão voltadas para a negociação da pauta específica. A reunião de negociação aconteceu nesta quarta-feira, dia 01/08/2012. As informações da reunião serão divulgadas em boletim da Intersul assim que disponíveis.

Replanejamento Sinergia

Comunicamos a todos que não haverá expediente no Sinergia nos dias 09 e 10 de agosto devido ao replanejamento da entidade. Diretores/as e trabalhadores/as estarão avaliando o primeiro ano da gestão 2011/2014 e fazendo o planejamento do restante do mandato.

Ação de saúde e segurança

Acontece hoje, quinta-feira, reunião para tentativa de conciliação na Ação Civil Pública de Saúde e Segurança do Trabalhador imposta pelo MPT contra a Celesc. A audiência ocorrerá na 1ª Vara do Trabalho de Florianópolis e os sindicatos da Intercel estarão acompanhando. Na próxima edição do Linha Viva o relato completo da audiência.

**T
R
I
B
U
N
A**

FOGO AMIGO

Na segunda guerra mundial os soldados brasileiros eram abatidos com frequência por aliados, pois tinham uniformes semelhantes ao do inimigo. Afinal, como distinguir quem é do seu time? A greve acabou e a tentação de fazer uma caça aos pelegos, aos desertores e aos menos empenhados pode acontecer, e mesmo o contrário, uma vez que a expectativa de resultados é algo particular, em um ambiente coletivo – que é a greve. Pode ocorrer uma crítica severa aos sindicalistas que aceitaram tão pouco e também à nossa própria consciência que nos fez votar de um jeito ou de outro, enfim: o risco é perdemos o foco.

Porque nosso inimigo é aquele que tenta nos prejudicar e não aquele que ajudou menos do que esperávamos. Assim, ao voltarmos de uma greve devemos manter a mira no lugar certo, estamos todos no mesmo time, mesmo que uns marquem gol e outros não. O inferno são os outros, são os de sempre, sim, aqueles lá que já prejudicaram os operadores, que cuidam dos salários deles, mas querem economizar com o nosso. O foco deve se manter no alto, lá onde voa o jatinho, porque aqui embaixo somos todos iguais. Aqui, apesar das diferenças, somos todos do mesmo time.

É comum a crise nos unir, a desgraça nos tornar solidários, por isso agora que o pior já passou não podemos ser enganados por nós mesmos, isso seria ótimo para eles, uma atitude destrutiva gerada por nossa ingenuidade. É nessa hora que acontece o “fogo amigo”, pequenas críticas e opiniões mesquinhas típicas do pós greve, enquanto aqueles que efetivamente nos prejudicaram ficam a observar nossa burrice. Sim o fogo amigo é burrice! Devemos nos unir, valorizar o que o sindicato conseguiu, o que nós conseguimos e mais: o que podemos ainda conseguir. “Estou do lado de quem está ao meu lado”, essa é a melhor estratégia para as batalhas que ainda virão, contra os mesmos adversários.

Rodrigo Luis Galvão
Trabalhador da Eletrosul

Intercel cobra jornada de 6 horas no atendimento em Mafra

É incrível e inacreditável como em certos aspectos, algumas Agências Regionais tendem a resistir ao processo hierárquico definido pelo organograma da Celesc e, desrespeitando um Acordo Coletivo assinado com a DIRETORIA COLEGIADA, descumprem o concordado em negociação e aprovado pela categoria. O exemplo mais recente a esse desmando na empresa pode ser observado na Agência Regional de Mafra, que até o momento permanece

como a única Agência Regional do estado que não implantou a jornada de 06 horas para o atendimento comercial da loja sede. Os representantes da Intercel estiveram na Agência conversando com a Administração Regional que, com a alegação de falta de mão de obra, manteve a posição de não realizar o disposto no Acordo. Como o término do prazo para a implantação do horário especial de atendimento comercial expirou no dia 29 de junho, os sindicatos

que compõem Intercel estiveram reunidos com a Diretoria da Celesc cobrando a resolução da situação. A Diretoria da empresa se comprometeu em cobrar o início da jornada antes mesmo da reunião da Comissão de Recursos Humanos (CRH) que debaterá o assunto, se necessário. Caso o impasse persista, a saída será a denúncia na Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE) por descumprimento de acordo.

ATO DE REPÚDIO NA ELETROSUL

Os empregados da Eletrosul deliberaram em assembleia por permanecerem parados na sexta-feira (27/07), em vários locais da empresa, em repúdio à postura autoritária e truculenta da diretoria durante a greve. Esse ato foi um sinal evidente de que os empregados não vão mais tolerar atitudes descabidas da diretoria; estas sim conturbam o ambiente de trabalho e prejudicam as relações internas que podem interferir negativamente no resultado da organização, o que não é bom para ninguém e muito menos é o desejo dos empregados que defendem o fortalecimento da Eletrosul e o cumprimento de seu importante papel público - ainda mais diante de uma crise internacional e de incertezas sobre as consequências da renovação das concessões do setor elétrico brasileiro. O ato visou chamar a atenção da diretoria para a necessidade de uma mudança imediata de postura, sob pena de não ter mais condições de estar à frente da gestão de uma empresa pública como a Eletrosul, fundamental principalmente nos estados onde atua, e para o país de uma forma geral. O alerta foi dado!



*Greve? Não é problema meu! Tô de férias

RETROSPECTIVA ACT CELESC

COMISSÃO DE RECURSOS HUMANOS

A Cláusula Comissão de Recursos Humanos surgiu nos acordos coletivos da CELESC trazendo a lógica da livre negociação, muito comum na década de noventa, quando os jornais anunciavam o novo marco das leis trabalhistas onde o negociado deveria prevalecer sobre o legislado. Não foi sem polêmica, porém, que os sindicatos admitiram esta possibilidade. Muitos desconfiavam que ela poderia ser usada como um instrumento para restringir direitos dos trabalhadores. Era o que já ocorria com as comissões de conciliação prévia da iniciativa privada, onde em muitos casos, os trabalhadores eram coagidos a aceitar acordos bem inferiores ao devido. Após muitas discussões no acordo de 1995/96, foi constituída comissão composta de doze membros efetivos e seus respectivos suplentes, sendo seis membros indicados pela INTERCEL e seis indicados pela diretoria da CELESC e presidida pelo presidente da empresa, ou por diretor indicado por ele, com voto de qualidade. A Comissão teria como objetivo analisar e deliberar Ações Judiciais e Passivo Trabalhista, Remanejamento de Pessoal e Planos de Cargos e Salários. A INTERCEL se comprometeu a não patrocinar ações judiciais ou coletivas que não fossem previamente apreciadas pela Comissão, com exceção daquelas referentes à demissão de empregados em desacordo com a cláusula Redução do Quadro de Pessoal. Em 2001/02 foi acrescentado parágrafo que prevê a reunião da CRH a cada sessenta dias, no mínimo, desde que haja motivação. O acordo atual estabelece uma comissão de 14 membros, contemplando os companheiros do STIEEC (Concórdia) que passaram a integrar a INTERCEL, mantendo o voto de qualidade do presidente e ampliando bastante os assuntos para discussão em caráter consultivo. A prática demonstrou ser este um espaço importante para solução de conflitos e pelo menos no nosso caso não se sustentam as preocupações relativas ao cerceamento de direitos dos trabalhadores, pois, estes estão preservados quando a comissão não chega a um consenso.



Foto: Arquivo Intersul

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC
Jornalista responsável: Paulo Guilherme Horn (SRTE/SC 3489) | Conselho Editorial: Leandro Nunes da Silva
Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89206-000 | Fone (047) 3028-2161
E-mail: sindsc@terra.com.br | Site: www.sindnorte.org
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

Intercel
Intersindical dos eletricitários de Santa Catarina

Crença na utopia é ainda a melhor forma de questionar a exclusão social

por Slavoj Žižek*

Eleger a internet como exemplo democrático é esconder diferenças sociais, institucionais e psicológicas entre as vidas “real” e “virtual”. Um dos grafites mais conhecidos dos muros de Paris em 1968 era: “As estruturas não andam pelas ruas!”. Isto é, não se podem explicar as grandes manifestações de estudantes e trabalhadores do Maio de 68 como determinadas pelas mudanças estruturais na sociedade.

Mas, segundo [o psicanalista] Jacques Lacan, foi exatamente isso o que aconteceu em 1968: as estruturas saíram às ruas. Os eventos explosivos

visíveis foram, em última instância, o resultado de um desequilíbrio estrutural - a passagem de uma forma de dominação para outra; nos termos de Lacan, do discurso do mestre para o discurso da universidade.

Os protestos anticapitalistas dos anos 60 suplementaram a crítica padrão da exploração socioeconômica pelos temas da crítica social: a alienação da vida cotidiana, a “mercadorização” do consumo, a inautenticidade de uma sociedade de massa em que “usamos máscaras” e sofremos opressão sexual e outras etc.

Prazer Extremo

Mas o novo espírito do capitalismo recuperou triunfalmente a retórica anti-hierárquica de 1968, apresentando-se como bem-sucedida revolta libertária contra as organizações sociais opressivas do capitalismo corporativo e do socialismo “realmente existente”. O que sobreviveu da libertação sexual dos anos 1960 foi o hedonismo tolerante, facilmente incorporado a nossa ideologia hegemônica: hoje o prazer sexual não apenas é permitido, é ordenado - os indivíduos se sentem culpados quando não podem desfrutá-lo. A tendência às formas radicais de prazer (por meio de experiências sexuais e drogas ou outros meios de indução ao transe) surge em um momento político preciso: quando o “espírito de 68” esgota seus potenciais políticos. Nesse ponto crítico (meados dos anos 70), a única opção restante foi um direto e brutal empurrão para

o real, que assumiu três formas principais: a busca por formas extremas de prazer sexual, a opção pelo real de uma experiência interior (misticismo oriental) e, finalmente, o terrorismo político de esquerda (Fração do Exército Vermelho na Alemanha, Brigadas Vermelhas na Itália etc.).

O que todas essas opções compartilham é um recuo do engajamento sociopolítico concreto para um contato direto com o real. Lembremos aqui o desafio de Lacan aos estudantes que protestavam: “Como revolucionários, vocês são histéricos que exigem um novo mestre. Vocês vão ganhar um”. E o ganhamos, sob o disfarce do mestre “permissivo” pós-moderno cuja dominação é mais forte por ser menos visível.

Sem dúvida, muitas mudanças positivas acompanharam essa passagem - basta citar as

novas liberdades das mulheres e seu acesso a cargos de poder.

Entretanto essa passagem para um outro “espírito do capitalismo” foi realmente tudo o que aconteceu nos eventos do Maio de 68, de modo que todo o entusiasmo ébrio de liberdade foi apenas um meio de substituir uma forma de dominação por outra? Muitos sinais indicam que as coisas não são tão simples. Se examinarmos nossa situação com os olhos de 1968, devemos lembrar o verdadeiro legado desse ano: seu núcleo foi uma rejeição ao sistema liberal-capitalista.

É fácil zombar da idéia do “fim da história” de Francis Fukuyama, mas hoje a maioria é fukuyamista: o capitalismo liberal-democrático é aceito como a fórmula finalmente encontrada da melhor sociedade possível, e tudo o que se pode fazer é torná-la mais justa, tolerante etc.

Ecologia e apartheid

Hoje a única verdadeira questão é: nós endossamos essa naturalização do capitalismo ou o capitalismo global de hoje contém antagonismos fortes o suficiente para impedir sua infinita reprodução?

Há (pelo menos) quatro desses antagonismos: a sombria ameaça da catástrofe ecológica, a inadequação da propriedade privada para a chamada “propriedade intelectual”, as implicações socioéticas dos novos avanços tecnocientíficos (especialmente em biogenética) e as novas formas de apartheid, os novos muros e favelas. Os primeiros três antagonismos se referem aos domínios do que Michael Har-

dt e Toni Negri chamam de “comuns”.

Há os “comuns de natureza externa” ameaçados pela poluição e a exploração (do petróleo a florestas e o próprio habitat natural), os “comuns de natureza interna” (o legado biogenético da humanidade) e os “comuns de cultura”, as formas imediatamente socializadas de capital “cognitivo”, basicamente a língua, nosso meio de educação e comunicação.

A referência a “comuns” justifica a ressurreição da idéia de comunismo: nos permite ver o envolvimento progressivo dos comuns como um processo de proletarização

daqueles que são assim excluídos de sua própria substância.

No entanto é apenas o antagonismo entre os “incluídos” e os “excluídos” que realmente justifica o termo comunismo. Em diferentes formas de favelas ao redor do mundo, presenciamos o rápido crescimento da população sem o controle do Estado, vivendo em condições meio fora-da-lei, em terrível carência de formas mínimas de auto-organização.

Se a principal tarefa da política emancipatória do século 19 foi romper o monopólio dos liberais burgueses por meio da politização da classe trabalhadora, e se

a tarefa do século 20 foi despertar politicamente a imensa população rural da Ásia e da África, a principal tarefa do século 21 é politizar -organizar e disciplinar - as “massas desestruturadas” dos que vivem nas favelas.

Se ignorarmos esse problema dos excluídos, todos os outros antagonismos perdem seu viés subversivo. A ecologia se transforma em um problema de desenvolvimento sustentável, a propriedade intelectual em um complexo desafio jurídico, a biogenética em uma questão ética.

Soyons réalistes,
demandons l'impossible

“Sejamos realistas”

Sem o antagonismo entre incluídos e excluídos, poderemos nos encontrar em um mundo em que Bill Gates é o principal humanista, lutando contra a pobreza e as doenças, e Rupert Murdoch o maior ambientalista, mobilizando milhões de pessoas por meio de seu império da mídia.

O verdadeiro legado de 1968 é melhor resumido na fórmula “soyons réalistes, demandons l'impossible!” [sejamos realistas, exijamos o impossível!]. A verdadeira utopia é a crença em que o sistema global existente pode se reproduzir indefinidamente. A única maneira de ser verdadeiramente realista é imaginar o que, dentro das coordenadas desse sistema, só pode parecer impossível.

* Slavoj Žižek é um sociólogo, filósofo e crítico cultural esloveno.

